

# Polêmica sobre a contribuição de Gerald Cohen para a teoria marxista da história

ARMANDO BOITO JR. E CLAUS GERMER

## Cohen: tentativa de elucidar ponto cego da teoria da história de Marx

Prezado Claus,  
espero que esteja bem.

Escrevo para propor uma discussão teórica. Gostaria de trocar ideias sobre a tese do desenvolvimento cumulativo das forças produtivas ao longo da história da humanidade e sobre a tese segundo a qual esse desenvolvimento seria a causa necessária, ainda que não suficiente, da mudança histórica.

Na resenha que você publicou na *Crítica Marxista* n.39 sobre o livro de Cohen (*A teoria da história de Karl Marx: uma defesa*), você criticou a explicação que ele oferece para essas duas teses: o ser humano seria, segundo ele sustenta, dotado de uma racionalidade tal que o leva a preferir os instrumentos e os métodos que permitam economizar energia física e mental no processo de trabalho e/ou reduzir o tempo que deve dispendar na atividade laborativa. Seria por isso que as forças produtivas – a despeito de passarem por períodos de altos e baixos, de aceleração e de desaceleração – apresentariam, numa curva longa, trajetória ascendente; seria por isso, também, que os homens tenderiam a se desvencilhar das relações sociais que viessem a tolher tal trajetória. O próprio Cohen tem consciência de que essa é uma tese supramodal, isto é, vigoraria em diferentes modos de produção, desde a comunidade primitiva até o capitalismo. Se bem entendi, é isso que você critica nele: o fato de Cohen recorrer à ideia de uma natureza humana que, no caso, seria caracterizada pelo atributo da racionalidade (com relação a fins) no processo de trabalho.

*Polêmica sobre a contribuição de Gerald Cohen para a teoria marxista da história • 155*

Pois bem, motivado pela leitura da sua resenha, reli o seu artigo sobre o papel determinante das forças produtivas na história publicado há cinco anos na *Crítica Marxista* (“Marx e o papel determinante das forças produtivas na evolução social”, *Crítica Marxista*, n.29). Algo que salta à vista, em primeiro lugar, é a concordância de fundo entre a sua tese e a tese de Cohen. Ambos acreditam que o desenvolvimento das forças produtivas é – ainda que de maneira não linear como você mostra muito bem – uma constante no processo histórico e que é o elemento de fundo, mesmo que não suficiente, na explicação da mudança histórica. Acho importante ressaltar essa concordância básica entre o que você escreve e o que Cohen sustenta já que, como você sabe, essa tese não é consensual nas diferentes tradições marxistas. A discordância entre o seu texto e o livro dele reside na explicação, vale dizer, na detecção daquilo que explicaria tal desenvolvimento e o fato desse desenvolvimento condicionar a mudança histórica. Cohen tem a sua explicação; você a rejeitou como antimarxista pelo fato de ela recorrer à noção de natureza humana. O problema é que a explicação que você oferece ao leitor do seu texto não me parece convincente.

Você sustenta que cada geração de produtores apoia-se no que foi acumulado pela geração anterior. Com base na experiência e no acúmulo técnico da geração passada, a geração presente pode introduzir novas técnicas e novos métodos que representariam uma evolução no desenvolvimento das forças produtivas e assim por diante, de geração a geração. Ora, essa observação sua não parece constituir uma explicação. Na verdade, ela apenas apresenta o problema que deveria ser resolvido.

Cada geração tem, no processo produtivo, três possibilidades: a) retroceder tecnicamente, abandonando técnicas descobertas pela geração anterior e adotando técnicas pretéritas; b) manter o nível técnico legado pela geração anterior; c) partir do nível técnico já dado e elevá-lo a um patamar superior. Você procede como se fosse natural cada geração optar pela terceira possibilidade, quando não há nada de natural nisso. O seu texto constata que cada geração opta por desenvolver as forças produtivas, mas não explica por que ela faz essa opção. Mais ainda: seu argumento não pode explicar por que as relações sociais que obstruem o desenvolvimento das forças produtivas perecem. No meu entender, a ideia de racionalidade humana supramodal de Cohen explica, ao menos formalmente, as duas teses citadas – tanto o desenvolvimento das forças produtivas, quanto o papel desse desenvolvimento na mudança histórica. O argumento dele é lógico, ainda que possa estar errado.

Gerações de autores marxistas repetiram a tese sobre o desenvolvimento das forças produtivas e o seu papel preponderante na história sem se preocupar em oferecer um fundamento para tais teses. Até onde sei, Cohen é pioneiro nesse esforço e a fundamentação que ele nos oferece não é fácil de refutar.

Conheço um pouco de antropologia e conversei bastante sobre essas teses com os meus colegas antropólogos. Com base nisso, posso afirmar que nenhuma comunidade primitiva conhecida jamais recusou os instrumentos de trabalho deixados

como presentes pelas populações em estágio técnico mais avançado. No Brasil, esse expediente ainda é utilizado para estabelecer contato com comunidades primitivas da Amazônia. O facão de aço, o machado de aço, as panelas de ferro ou alumínio e outros instrumentos são avidamente recolhidos e utilizados como tais pelas tribos “presenteadas”. Um único colega redarguiu que esses povos podem proceder assim não por razões econômicas, mas por razões simbólicas: seria condenável, nas suas culturas, recusar uma dádiva. O argumento merece reflexão, mas, por ora, o que podemos observar é que nenhuma tribo recolheu o facão, o machado e a panela ofertados para usá-los como enfeite ou abandoná-los num canto, mas, sim, para usá-los como instrumentos de corte e como recipiente de armazenamento. Não temos aí um comportamento similar entre o indivíduo formado numa sociedade de “comunismo primitivo” e o indivíduo formado no capitalismo? Não temos aí um atributo que transcende diferentes modos de produção?

Partilho com você a preocupação com o uso abusivo e arbitrário da ideia de “natureza humana” que é feito por autores marxistas, principalmente os autores lukacsianos. A “ontologia do ser social” gira em torno dessa ideia que, penso eu, é muito mais uma especulação feuerbachiana que uma análise marxista. Feuerbach imputava ao homem de todas as épocas os atributos genéricos do amor, da vontade e da razão e essa especulação filosófica está na base dos textos de 1843-1844 do jovem Marx. Os conceitos de alienação política, presente na *Questão Judaica*, e de alienação no trabalho, presente nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, são caudatários desse humanismo ingênuo. Mas a imputação arbitrária e ingênua de traços supostamente gerais à espécie humana não pode ser confundida com a pesquisa histórica, biológica e psicanalítica que poderá, sim, detectar traços gerais comuns aos seres humanos de diferentes períodos históricos. O próprio Louis Althusser, crítico rigoroso do humanismo teórico especulativo, alertou para a necessidade de os marxistas desenvolverem o estudo científico da espécie humana (Louis Althusser, “A querela do humanismo II”, *Crítica Marxista*, n. 14). Se mesmo os povos tribais, que vivem em sociedades tão distintas das sociedades de classe, preferem o machado de aço ao machado de pedra, podemos ter aí uma informação histórica importante para pensar alguns possíveis atributos gerais da espécie humana.

Não concordo tampouco com a afirmação que você faz de que na explicação de Cohen não haveria lugar para a luta de classes. Cohen é explícito: a contradição entre forças produtivas e relações de produção tem, na luta de classes, sua dimensão política e social. Ele sustenta uma tese semelhante àquela apresentada por Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*: a classe social que representa as “forças produtivas ascendentes”, essa classe detém um poderoso trunfo na luta de classes pois pode aglutinar em torno de si um bloco de forças capaz de impor a mudança histórica. Está embutida nessa formulação de Marx e de Engels, penso eu, uma certa ideia supra-histórica do comportamento humano. A tese de Cohen não é muito diferente disso. Veja a ideia que ele desenvolve em texto também publicado por *Crítica Marxista*.

A classe que domina durante um período, ou que emerge triunfante de uma época de conflitos, é a classe mais bem adaptada, mais capaz e disposta para dirigir o desenvolvimento das forças produtivas em um período determinado. (Gerald Cohen, “Forças produtivas e relações de produção”, *Crítica Marxista*, n.31, p.72)

A fundamentação das teses do desenvolvimento das forças produtivas e de sua preponderância nos processos de mudança histórica ainda é uma questão em aberto e ela é de importância maior para o marxismo. Requer muita pesquisa em áreas de conhecimento as mais diversas – biologia, psicanálise e história, além de muito aprimoramento teórico. Essa fundamentação está para a teoria da história de Marx do mesmo modo que a fundamentação da importância da libido e da transmissão apenas dos caracteres inatos está, respectivamente, para a psicanálise e para a explicação darwiniana da origem das espécies. A lacuna na teoria darwiniana foi preenchida pela genética moderna (Jonathan Howard, *Darwin*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982, p.109 e 115). Quanto a Freud, embora conheça um pouco a sua obra, prefiro dar a palavra aos psicanalistas franceses Laplanche e Pontalis:

Freud afirmou ao longo de toda a sua obra que a ação do recalçamento se exercia preferencialmente sobre a pulsão sexual; conseqüentemente, atribui a essa um papel primordial no conflito psíquico, deixando em aberto, no entanto, a questão de saber o que, em definitivo, fundamenta tal privilégio. (Jean Laplanche; Jean-Bertrand Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.404)

Apoio-me em autoridades da área para me aventurar a fazer referência a ciências que mal conheço, porque quero indicar que é próprio de toda teoria científica apresentar limites. Foi assim com Darwin, com Freud e também com Marx. Este último deixou em aberto a questão de saber o que fundamenta o desenvolvimento das forças produtivas e o que fundamenta a sua preponderância como fator causal nos processos de mudança histórica. Cabe a nós ultrapassar esse limite, e eu creio que o esforço teórico de Gerald Cohen não pode ser descartado tão facilmente.

Abraços, Armando

### **Cohen: defesa não marxista da teoria da história de Marx**

Prezado Armando,

Agradeço os seus comentários e tenho toda disposição para um diálogo sobre tema tão relevante para o marxismo. Achei que deveria responder ponto por ponto. Assim, dei a cada comentário meu o número do parágrafo do seu texto ao qual se refere. Ilustrando, o meu primeiro comentário tem o número dois, referente ao segundo parágrafo do seu texto, e assim por diante.

2. A principal crítica que deve ser feita a Cohen, do ponto de vista marxista, refere-se ao caráter explicitamente não materialista e não dialético, portanto não

marxista, da sua abordagem, como mostrei na minha resenha. A concepção de racionalidade, de Cohen, reflete a sua adesão ao individualismo metodológico, que é o oposto do materialismo histórico (MH), daí a minha crítica a este aspecto da sua abordagem. A explicação materialista recusa a inclusão, na explicação, de elementos intencionais, pertencentes ao que Marx denomina consciência social, que não explica a vida social, mas é explicada por ela, como esclareço adiante. A explicação de Cohen não pode ser tida como convincente em um cenário materialista.

3. Não creio que essa coincidência entre as teses minha e de Cohen seja relevante, uma vez que há outras correntes que também defendem tese semelhante, diferenciando-se porém pelas explicações dadas. É precisamente a explicação da realidade social que distingue o individualismo metodológico do MH. Mas é preciso ressaltar que a coincidência é apenas parcial: a tese do desenvolvimento das FP do MH combina os processos de geração e adoção das novas tecnologias, enquanto Cohen, como detalharei adiante, focaliza apenas a adoção de tecnologias que não se sabe de onde vêm. Esta lacuna decisiva deve-se à sua omissão do papel do trabalho social.

4. A minha tese não é mera observação, mas uma explicação. Ocorre que a minha explicação não é a que você indicou, as gerações não são um elemento da explicação, e são citadas só de passagem, como recurso expositivo. Como penso estar claro no meu artigo, adoto a explicação que entendo ser a do MH, segundo o qual o desenvolvimento histórico da humanidade é explicado pelas propriedades inerentes ao trabalho, mais concretamente, ao trabalho social. Essa explicação é mais plausível e abrangente, pois engloba não apenas a adoção, mas – o que é crucial –, a concepção e desenvolvimento das novas ferramentas e técnicas – tema sobre o qual Cohen nada diz –, e não só isto, mas abrange a produção do conhecimento em geral. O trabalho como hipótese explicativa obedece, além disso, ao requisito do materialismo, de que as explicações não devem ser procuradas em elementos derivados da consciência humana, ou seja, da intencionalidade, mas em leis de desenvolvimento inconscientes, que pertencem à natureza das ações espontâneas do ser humano e atuam, nas palavras de Marx, “com a força irremovível das leis naturais”. A racionalidade, em contraste com isso, situa-se na esfera da consciência social e, sendo assim, é influenciada pelos critérios e valores vigentes na sociedade e pela rede de relações nas quais os indivíduos estão imersos. Como esses fatores se alteram, com a mudança dos modos de produção, altera-se também a consciência social, de onde se segue que elementos da consciência não podem constituir fatores explicativos da evolução histórica, a menos que sejam considerados inatos no ser humano, ao modo do individualismo metodológico, que é o caso de Cohen, mas não do MH.

5. Partindo do trabalho como fator explicativo, é efetivamente natural que as forças produtivas (FP) necessariamente evoluam, uma vez que os aperfeiçoamentos em técnicas e ferramentas emergem naturalmente do aprendizado gerado no

trabalho ininterrupto e incorporam-se à medida que são concebidos. Diante disto a opção a) é implausível e a opção b) só é plausível em circunstâncias especiais e tempo limitado. Sobre as relações de produção (RP): discordo da sua opinião, pois no meu artigo demonstro claramente por que as RP vigentes são substituídas por outras: porque o desenvolvimento das FP dá origem a novas RP, suporte de uma nova classe pretendente à propriedade dos meios de produção, classe esta cuja expressão econômica se amplia gradualmente, até derrotar a classe dominante na revolução política causada pelas contradições e a luta entre as duas classes. Dizer que surgem novas RP é o mesmo que dizer que as RP vigentes desaparecem, *materialmente*, uma vez que as RP são relações entre os indivíduos, e estes não desaparecem. As relações mudam, mas os indivíduos são os mesmos. É preciso distinguir entre RP materiais e sua expressão jurídica, como esclareço no meu artigo.

É um engano seu supor que Cohen explica o desenvolvimento das FP. O que ele se propõe a explicar, com base no funcionalismo, no individualismo metodológico e na economia neoclássica, é a *adoção* de novas FP pelos indivíduos, não a produção das inovações que as representam, o que é uma falha crucial da sua teoria, mas não do MH (MH). Como procurei esclarecer no meu artigo, as RP perecem *materialmente* à medida que as FP avançam, pois estas e as novas RP avançam conjuntamente na esfera da produção *material*, mas a expressão *jurídica* – isto é, a forma da propriedade – das RP sobrevive e fornece o fundamento do poder da classe vigente detentora do poder. A revolução política é essencial para apeá-la do poder e instituir a forma jurídica das novas RP. É a expressão *jurídica* das RP, não as RP *materiais*, que obstrui o desenvolvimento das FP. Se as RP *materiais* não se desenvolvessem também, paralelamente ao desenvolvimento das FP, a relação entre ambas não seria impositiva.

6. Não era necessário que esses autores elaborassem o fundamento desta tese, bastaria que transmitissem o consistente fundamento elaborado por Marx e Engels. Devo discordar do pioneirismo de Cohen no campo marxista e não considero difícil refutá-lo nos fundamentos teóricos, embora seja trabalhoso nos detalhes, devido ao seu confuso método linguístico. O seu pioneirismo é na elaboração de um sincretismo injustificado entre uma tese do MH e diversas correntes das ciências sociais burguesas opostas ao MH.

9. Creio que a única referência mais extensa de Cohen à luta de classes, no seu livro de 503 páginas, está contida em duas páginas – 188 e 189 (excluindo menções breves, algumas ambíguas, que podem ser encontradas no índice remissivo) –, nas quais comparece a frase que você cita, o que dá uma boa ideia do lugar que ele reserva à luta de classes. Observada no contexto, a frase citada demonstra a incapacidade de Cohen de relacionar a luta de classes à contradição entre FP e RP. Segundo Cohen, embora Marx “muitas vezes” encontre a explicação das mudanças sociais na “batalha entre as classes, [...] essa não é a explicação fundamental”, porque “o poder explicativo da luta de classes é, igualmente, limitado”!! E prossegue:

“Marx encontra a resposta no caráter das FP” (grifos do original), ou seja, as FP e as RP aparecem como fatores alternativos da explicação. Cohen engana-se, no seu raciocínio funcionalista, pois o papel da luta de classes é fundamental, uma vez que as novas RP só podem prevalecer com base na tomada do poder político pela nova classe, por intermédio da luta de classes, uma vez que as FP e as RP não lutam entre si como tais. Quem luta são as classes. No meu artigo exponho a íntima relação entre as FP e as RP no processo das revoluções social e política, respectivamente, algo de que Cohen nem sequer chegou perto. O desenvolvimento das FP explica a revolução social e fornece o fundamento da luta de classes, que explica a revolução política. Sem ambas não há mudança social. A omissão, ou mesmo secundarização, do papel da luta de classes no processo histórico, e sua relação com a contradição FP/RP, é inaceitável no quadro explicativo do MH.

A frase de Cohen que você transcreve faz supor que há diversas classes disputando a primazia, entre as quais se destaca uma, “a mais adequada e mais capaz” de “presidir o desenvolvimento das FP”. Isto é uma fantasia funcionalista e desfaz a relação entre as FP e as RP. Dizer que o desenvolvimento das FP gera novas RP é o mesmo que dizer que gera uma nova forma material de apropriação ou propriedade, e uma nova classe correspondente – e não diversas –, a quem cabe disputar o poder político.

10. No meu artigo procurei demonstrar que a tese da primazia das FP obedece aos fundamentos do MH. Creio ser necessário distinguir entre princípios filosóficos e metodológicos e hipóteses deles decorrentes ou neles baseados, e verificação empírica. Os princípios filosóficos e metodológicos do MH são bastante claros, e o seu eventual refinamento não inclui a sua rejeição. A deficiência em verificação empírica de hipóteses derivadas dos princípios é comum a muitas disciplinas científicas. Princípios consistentes permitem a derivação de hipóteses igualmente consistentes, que não podem ser descartadas por insuficiência de verificação empírica, mais difícil, não nos esqueçamos, nas ciências humanas, por diversos motivos, dos quais a oposição de classes não é o menor. Algumas teses cruciais de Einstein, por exemplo, só puderam ser verificadas, em alguns casos, décadas após a sua formulação.

11. Surpreende-me que você considere que Marx deixou em aberto essa questão crucial. Está claríssimo em suas obras econômicas que o trabalho social é o princípio explicativo desse desenvolvimento. A obra de Cohen, na medida em que se distancia dos princípios mais fundamentais do MH, não contribui para o avanço deste, exceto se estimular uma reação abrangente, o que revigoraria o MH.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Ainda a teoria marxista da história**

Vivek Chibber

**A abolição da família monogâmica**

Sergio Lessa

**O (re)começo do marxismo althusseriano**

Luiz Eduardo Motta

**Lenin e a questão agrária**

Ligia Osório

**Entrevista com Domenico Losurdo**

# 35